Conselhos ás mulheres

O NATURAL E A SIMPLICIDADE

As pessoas que não affectam são, em geal, procuradas e amadas, pela simples razão de que o natural não é precisamente a vulgaridade, a trivialidade, a brutalidade.

De outro modo seria partilhar a opinião d'essa mulher da côrte de Maria Antonieta que, nos ornamentos de seu toucado, preferia os legumes ás flores, dizendo: «São tão simples os legumes, são *mais naturaes* que as flores!»

Póde-se ser natural com modos exquesitos, mais natural que muitas pessoas rudes e cabeçudas que accentuam os seus modos bruscos nativos com o pretexto de parecer naturaes «nada de incommodos.»

Uma *tenue* vulgar não pode indicar menos affectação que uma *tenue* correcta. Tanto em um caso, como n'outro, cede-se a uma inclinação natural; unicamente uma é boa e a outra é má. E' preciso seguir uma e corrigir a outra.

Não se parece menos natural agindo com essa graça encantadora que, em certas circumstancias, faz a pessoa, como que desapparecer, em obediencia a uma modestia innata. Isso fica muito melhor do que essa franqueza vulgar que ás vezes revela certa falta de educação.

Um cavalheiro pouco presumpçoso, timido, receiando sempre adiantar-se muito, será, por ventura, menos natural que o orgulhoso que de cousa alguma se arreceia, cujo *aplomb* afugenta os temperamentos delicados?

As mulheres reservadas são provavelmente mais naturaes que as ousadas... que contrariam as leis da natureza.

Para se ser natural basta se ser verdadeiro, como a natureza nos fez, si a obra da natureza deixa a desejar, a educação e o trabalho sobre nos mesmas muito podem.

O natural e a simplicidade são irmãos, porquanto a simplicidade consiste em não deixar transparecer sentimento que não se experimente, em não affectar aquillo que não é proprio. E ainda em não exagerar o valor pessoal, em não augmentar a expressão dos sentimentos verdadeiros.

A simplicidade é verdadeiramente uma das qualidades mais encantadoras e mais attrahentes. E' que, quando se é simples, não se experimenta, em geral, um amor immoderado de si mesmo, não se pretende chamar a attenção de todos em detrimento dos outros que são talvez tão dignos de interesse, que merecem as vezes a mesma companhão, solicitude ou affeição.

Para agradar é preciso não saber que se agrada.

E' muito mais bonito que se attribua um pouco mais a amabilidade dos outros que a propria belleza os comprimentos que se recebe. Quando gabarem um vestido, convem mais imaginar que os elogios são feitos antes por indulgencia do que por serem a expressão da verdade.

Observe-se em um salão uma pessoa simples. Si essa pessoa tem alguma prenda, não se faz nunca rogada, para ser agradavel aos outros.

Ou então si lhe apraz ficar na sombra, declara logo, com franqueza, que não se sente com disposição para tocar, cantar ou recitar. Mas desejosa de ir ao encontro da vontade do que sollicita, nunca se faz rogada, nem da signaes de constrangimento. Nada deixa mais em evidencia a falta de simplicidade do que semelhante meio de proceder.

Quanto é bom e util ensinar aos pequenos, por meio de uma educação apropriada, a soffrer simplesmente, a cumprir os seus deveres simplesmente a exprimir simplesmente os mais bellos, os mais nobres sentimentos.

As creanças devem se habituar a pensar que, si são honestas, ha muitas pessoas assim; que não possuem exclusivamente o monopolio da belleza, da intelligencia, nem mesmo da bondade.

Consegue-se muito facilmente obter a simplicidade nas creanças, nunca se fallando d'ellas em sua presença. Assim obtem-se que ellas não fiquem pensando que são seres interessantes, supremamente interessantes, o eixo do universo.

Nunca se faça allusão, nem aos seus defeitos, nem ás suas qualidades, fora dos casos em que fôr necessario reprehendel-as ou testemunhar-lhes alguma satisfação... Essa mesma só se deve manifestar em

XAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)
Xarope sem narcotico *recommendado ha já* **20** *annos pelos medicos*. Facilita a sahida dos dentes, *evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os* accidentes da primeira dentição.
Exija-se o Carimbo official *e a* assignatura Delabarre.
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz
e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS
ANTI-ASTHMATICOS
de Bⁱⁿ BARRAL
Recommendados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura *da* ASTHMA, *das* OPPRESSÕES, *das* ENXAQUECAS, *etc.* 15 ANNOS DE SUCCESSOS.
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz
e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM
VESICATORIO SEM SE TER O
VESICATORIO DE ALBESPEYRES
o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Exija-se a Assignatura ALBESPEYRES *no LADO VERDE*
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubg St-Denis, PARIS
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS

NINON DE LENCLOS
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobriu-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, *Rue du 4 Septembre, 31* á PARIS.
Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de *VERITABLE EAU DE NINON*, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o
DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crême de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.
LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:
LA POUDRE CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;
SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar
LA PATE ET LA POUDRE MANDORMALE DE NINON
para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.
Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS
MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.
UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.
CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella e encantar todos os olhos
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exoticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.
NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sarcée-os e branqueie-os com l'*Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella*.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

IMPORTADOR DA
L. T. PIVER em PARIS
Nova *PERFUMARIA Extra-fina*
AO
CORYLOPSIS do JAPÃO
SABÃO ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO | PÓ de ARROZ ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO | BRILLANTINA ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
AGUA DE TOUCADOR ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO | OLEO ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
LOTION ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO | POMADA ... ao CORYLOPSIS do JAPÃO
日本洗粉

Espartilhos de Mmes de VERTUS Sœurs
Forma modificada para as
Modas de Pariz, 1895
Sobre tudo evitar as Contrefacções
Exigir a medalha de garantia.

consequencia de um bom trabalho, de uma bôa acção.

Ha paes e mães que contam aos extranhos casos de teimosia ou de orgulho de seu filho que os ouve. Essa creança comprehende muito bem que seus paes são quasi felizes com esses defeitos, que no fundo de seus corações applaudem tal teimosia que tomam por altivez cheia de dignidade. E assim fica o pobresinho alimentando uma má qualidade que lhe virá a ser prejudicial para o futuro.

Si acontece isso com os defeitosinhos domesticos, imagine-se o que não acontecerá com a exaltação dos dotes physicos ou intellectuaes e mesmo com as qualidades moraes. Uns e outros so são entretanto encantadores, quando são inteiramente ignorados. Mesmo no que diz respeito á saude, não é prudente fazer saber a uma creança que so ella teve em tal ou qual grão o croup, a febre, etc...

Julgar-se-ia digna de mais attenção e mais interesse, ficaria *altiva* por ter sido um *caso medico* excepcional, extraordinario. Ah! todos nos em pequenos já procuramos uma scena, um papel! Que não nol-o indiquem com o dedo. E' mesmo sem insistir, sem lh'o dizer que é preciso ornar a creança com essa simplicidade que é a fonte da graça e a facilidade dos modos que ainda por cima nos torna amaveis e sympathicos.

Seria mesmo para desejar que ninguem percebesse a propria simplicidade.

E' conveniente convencer as mocinhas e as creanças de que ellas não gozam de importancia alguma de que não são notadas e de que si se olha para ellas, é sem vel-as. Não ha outro meio de lhes preparar uma encantadora simplicidade de modos e de impedir o nascimento dessa timidez doentia que so serve para prejudical-as mais tarde.

Veja-se como procede na rua uma moça simples.

Conduz-se com toda a reserva exigida pela sua edade e seu sexo, mas sem a menor exageração. Nunca baixa hypocritamente ou disfarçadamente os olhos, assim como não fita de frente e ousadamente, os que passam. Não provoca a attenção e, si por accaso é saudada por um homem, não toma uns ares espantados; responde simplesmente sem compor o rosto, podendo mesmo sorrir, sem ar algum de familiaridade.

E torna-se assim verdadeiramente encantadora.

BARONNE STAFFE.

O pobre rapaz moleiro e a gatinha

Era uma vez tres rapazes que serviam em um moinho onde viviam um moleiro, sua mulher e seus filhos.

Depois de servirem alguns annos, o moleiro lhes disse:

— Viajae um pouco, e aquelle que trouxer o mais bello cavallo ficará com o moinho.

O terceiro dos rapazes era o *ultimo creado* e era considerado pelos outros, como um animal. Os outros não queriam deixar-lhe o moinho, que mais tarde elle não quiz.

Sahiram pois os tres juntos; fóra da aldeia disseram a Hans:

— Bem podias ficar, porque em toda tua vida não terás cavallo.»

Hans entretanto partio com elles e, sobrevindo a noite, acharam se diante de uma caverna onde entraram para dormir.

Os dous outros esperaram que Hans adormecesse, depois levantaram-se e afastaram-se, deixando o pobre rapaz inteiramente só e julgando que assim procediam com muita finura.

Ah! sim, patifes; pois bem, haveis de ver o que vos acontecerá! Quando o sol se levantou e o nosso amigo Hans desperton nessa grande caverna, olhou para toda a parte e exclamou:

— Oh, meu Deus, onde estou eu?

Depois sahindo da caverna poz-se a caminhar pela floresta, dizendo:

— Como hei de eu encontrar um cavallo?

Andando assim, absorvido em suas idéas, encontrou uma gatinha, malhada, como um tigre que lhe disse:

— Hans, para onde vás?

— Ah! tu podes me ajudar?

— Sei o que procuras, respondeu a gatinha; queres ter um bello cavallo, vem commigo e sé meu creado fiel durante sete annos: eu te darei um cavallo como nunca viste outro assim, no mundo.

E ella levou o para seu pequeno castello encantado, onde só havia gatinhas por creadas, saltando céleres pelas escadas, sempre lestas e alegres. A' noite, quando sentaram-se á mesa, duas gatinhas fizeram musica, tocando conforme podiam.

Quando acabaram de jantar e retirada a mesa, disse a gatinha:

— Vem, Hans, vem dançar commigo.

— Não, disse elle, não dançarei com uma gata, nunca fiz isso.

— Então vão se deitar, disse ella para as outras gatas.

Elle tambem foi guiado por uma gata para seu quarto; uma outra tirou-lhe os sapatos, uma terceira as meias e emfim apagaram a vela.

No dia seguinte voltaram e ajudaram-no a sahir da cama, entregaram-lhe as meias e as ligas; e emquanto uma procurava os sapatos, a outra o limpava com a cauda.

— Como isso é bom! murmurou Hans.

Mas foi-lhe preciso tambem servir as gatas todos os dias.

Rachava lenha com um machado de prata, a cunha e a serra eram tambem de prata, e o malho de cobre. Trabalhava assim e alli deixava-se ficar, levando uma boa vida, vendo sómente a gata e suas creadas.

Uma vez ella lhe disse:

— Vae cortar herva na minha campina e deixa-a seccar.

E ella lhe deu uma foice de prata e uma pedra de afiar embutida em ouro, recommendando lhe que tomasse muito cuidado em tudo.

Hans fez o que lhe fôra ordenado; terminado o serviço, trouxe para casa a foice, a pedra e a herva e perguntou a gata se ella não queria dar-lhe a sua recompensa.

— Não, disse ella; ainda vas fazer-me uma cousa: eis aqui madeira cinzelada em prata para edificar, um machado uma esquadria e tudo quanto precisas para me construir uma casinha.

FLORESTA DE FAIAS MERGULHADA EM NEVE

Hans edificou a casa e disse que já tinha feito tudo e que até o presente ainda não havia recebido o cavallo; os sete annos tinham se passado, como sete mezes.

A gata perguntou-lhe se elle queria ver os cavallos.

— Sim, disse Hans.

Ella abrio a porta da casa; e quando esta ficou bem aberta, ella deixou ver doze cavallos tão briosos, de pello tão luzente, que se sentia a alma rejubilada so em olhar para elles. A gata offereceu-lhe de beber e de comer e disse-lhe:

— Volta para tua casa, eu não te dou o cavallo, mas irei levar-t'o dentro de tres dias.

Hans concordou e ella mostrou lhe o caminho do moinho. Ella nem mesmo lhe dera uma roupa nova, mas elle tornou a partir com sua velha blusa a mesma que trouxera e que já lhe ficara muito curta, durante os sete annos.

Quando se apresentou, os dous outros rapazes já lá estavam cada um com um cavallo, mas o cavallo de um era cego de um olho, e o do outro era coxo.

— Hans, perguntaram elles, onde está teu cavallo?

— Dentro de tres dias estará aqui, affirmou.

— Deixa-te disso, onde é que vás tu arranjar agora um cavallo? E um cavallo bonito?

O pobre diabo entrou no quarto, mas o moleiro lhe disse que elle andava muito esfarrapado e que seria

AO SOM DA MUSICA DE CIGANOS

uma vergonha se alguem o visse. Elle foi obrigado a comer fóra e quando chegou a hora de dormir, os dous outros não quizeram dar-lhe a cama e elle retirou-se para uma manjedoura onde dormio sobre um pouco de palha.

Quando accordou, já se tinham passado os tres dias e viram chegar uma bonita carroagem tirada por seis soberbos cavallos de pello luzente e um creado que trazia o setimo destinado ao rapaz moleiro. Uma bella princeza sahio da carruagem e entrou no moinho e essa princeza era a gatinha que fôra patrôa de Hans, sete annos.

Ella perguntou ao moleiro onde estava o rapaz.

— Nós não podemos dar-lhe entrada no moinho, disse elle, tem a blusa muito esfarrapada. Está na manjedoura.

Mas a princeza insistio para que o fossem procurar immediatamente, o que foi feito. Caminhando, o pobre rapaz tratava de ajustar a blusa para se cobrir. O creado tirou de uma mala roupas magnificas; lavou o rapaz moleiro, penteou-o vestio-o e quando o nosso homem ficou prompto, um rei não se teria tornado mais bello que elle.

Depois a filha do rei quiz ver os cavallos dos outros moleiros, um coxo e outro rigo; mandou então buscar o septimo que trouxera e o moleiro apenas o vio exclamou que cavallo egual não podia haver no mundo.

— Pois bem, disse ella; é para o terceiro rapaz.

— Então é elle quem terá o moinho.

Mas a princeza respondeu-lhe que o cavallo era para elle e que elle podia tambem ficar com seu moinho; depois tomou seu fiel Hans pela mão, fel-o sentar-se na carruagem e partio com elle.

Foram primeiro á casinha que elle construira com ferramentas de prata e a casinha se tinha transformado em um grande castello, em que tudo era prata e ouro

Ahi Hans casou-se com a princeza e ficou tão rico, tão rico que não sabia o que fazer do dinheiro.

GRIMM.

Relogio parado

III

Fiz-me encontradiço com Maria Rita, na casa do commendador, primeiro, e depois em outras. Maria Rita não vivia absolutamente reclusa, dava alguns passeios e fazia visitas. Tambem recebia, mas sem dia certo, uma ou outra vez, e apenas cinco a seis pessoas da intimidade. O sentimento geral é que era pessoa de fortes sentimentos e austeros costumes. Accrescentai a isto o espirito, um espirito agudo, brilhante e viril. Capaz de resistencias e fadigas não menos que de violencias e combates, era feita como dizia um poeta que la ia á casa della «de um pedaço de pampa com outro de pampeiro.» A imagem era em verso e com rima, mas a mim só me ficou a ideia e o principal das palavras. Maria Rita gostava de ouvir definir-se assim, posto não andasse mostrando aquellas forças a cada passo, nem contando as suas memorias da adolescencia. A tia é que contava algumas, com pachorra e com amor, para concluir que lhe sahia a ella, que tambem fôra assim na mocidade. A justiça pede que se diga que, ainda agora, apezar de doente, a tia era pessoa de muita vida e robustez.

Com pouco, apaixonei-me pela sobrinha. Não me pesa confessal-o, pois foi a occasião da unica pagina da minha vida que merece attenção particular. Vou narral-a brevemente; não conto novella nem direi mentiras.

Gostei de Maria Rita. Não lhe confiei logo o que sentia, mas é provavel que ella o percebesse ou adivinhasse, como todas as mulheres. Se a descoberta ou adivinhação foi anterior á minha ida a casa do Rio Comprido, nem assim deveis censural-a por me haver convidado a ir alli uma noite. Podia ser-lhe então indifferente a minha disposição moral, podia tambem gostar de se sentir querida, sem a menor ideia de retribuição. A verdade é que fui essa noite e tornei outras; a tia gostava de mim e dos meus modos. O poeta que la ia, tagarella e tonto, disse uma vez que estava afinando a lyra para o casamento da tia commigo. A tia riu-se; eu, que queria as boas graças della, não podia deixar de rir tambem, e o caso foi materia de conversação por uma semana; mas já então o meu amor á outra tinha attingido ao cume.

Soube, pouco depois, que Maria Rita vivia separada do marido. Tinham casado oito annos antes, por verdadeira paixão. Viveram felizes cinco. Um dia sobreveiu uma aventura do marido que destruiu a paz do casal. João da Fonseca apaixonou-se por uma figura de circo, uma chilena que voava em cima do cavallo, Dolores, e deixou a estancia para ir atraz della. Voltou seis mezes depois, curado do amor, mas curado á força, porque a aventureira namorou-se do redactor de um jornal, que não tinha vintem, e por elle abandonou Fonseca e a sua prataria. Maria Rita tinha jurado não acceitar mais o esposo, e tal foi a declaração que lhe fez, quando elle appareceu na estancia.

— Tudo está acabado entre nós; vamos desquitar-nos.

João da Fonseca teve um primeiro gesto de accordo; era um quadragenario orgulhoso, para quem tal proposta era de si mesmo uma offensa. Durante uma noite tratou dos preparativos para o desquite; mas, na seguinte manhã, a vista das graças da esposa novamente o commoveram. Então, sem tom implorativo, antes como quem lhe perdoava, entendeu dizer-lhe que deixasse passar uns seis mezes. Se ao fim de seis mezes, persistisse o sentimento actual que inspirava a proposta do desquite, este se faria. Maria Rita não queria acceitar a emenda, mas a tia, que residia em Porto Alegre, e fôra passar algumas semanas na estancia, interveu com boas palavras. Antes de tres mezes estavam reconciliados.

— João, disse-lhe a mulher no dia seguinte ao da reconciliação, você deve ver que o meu amor é maior que o meu ciume, mas fica entendido que este caso da missa vida é unico. Nem você me fará outra, nem eu lhe perdoarei nada mais.

João da Fonseca achava-se então em um renascimento do delirio conjugal; respondeu á mulher jurando tudo e mais alguma cousa. Aos quarenta annos, confessou elle, não se fazem duas aventuras daquellas, e a minha foi de doer. Você verá, Maria Rita; agora é para sempre.

A vida recomeçou tão feliz, como dantes, — elle dizia que mais. Com effeito, a paixão de Maria Rita era violenta; tinha todas as energias da organisação e da educação da moça, e o marido tornou a amal-a como outr'ora. Viveram assim dous annos. Ao fim desse tempo, os ardores do marido haviam diminuido, alguns amores passageiros vieram metter-se entre ambos. Maria Rita, ao contrario do que lhe dissera, perdoou essas faltas, que ella não tiveram a extensão nem o vulto da aventura Dolores. Os desgostos, entretanto, appareceram e grandes. Houve scenas violentas. Maria Rita parece que chegou mais de uma vez a ameaçar que se mataria; mas, posto não lhe faltasse o preciso animo, não fez tentativa nenhuma, a tal ponto lhe doia deixar a propria causa do mal, que era o marido. João da Fonseca percebeu isto mesmo, e acaso explorou a fascinação que exercia na mulher.

Uma circumstancia politica veiu complicar esta situação moral. João da Fonseca era pelo lado da revolução, dava-se com varios dos seus chefes, e pessoalmente detestava alguns dos contrarios. Maria Rita, por laços de familia, era adversa aos federalistas. Esta opposição de sentimentos não seria bastante para separal-os, nem se pode dizer que, por si mesma, azedasse a vida dos dous. Embora Maria Rita, ardente em tudo, não o fosse menos em condemnar a revolução, chamando nomes crus aos seus chefes e officiaes, embora João da Fonseca, tambem excessivo, replicasse com egual odio, os seus arrufos politicos apenas augmentariam os domesticos, e provavelmente não passariam dessa troca de conceitos, se uma nova Dolores, desta vez Prazeres, e não chilena nem saltimbanca, não viesse revivel-os dos amargos de outro tempo. Prazeres era ligada ao partido da revolução, não só pelos sentimentos, como pelas relações da vida com um federalista. Eu a conheci pouco depois, era bella e airosa; João da Fonseca era tambem um homem gentil e seductor. Podiam amar-se fortemente, e assim foi. Vieram incidentes, mais ou menos graves, até que um decisivo determinou a separação do casal.

Já cuidavam disto desde algum tempo, mas a reconciliação não seria impossivel, apesar da palavra de Maria Rita, graças á intervenção da tia; esta havia insinuado á sobrinha que residisse tres ou quatro mezes no Rio de Janeiro ou em S. Paulo. Succedeu porém, uma cousa triste de dizer. O marido, em uma momento de desvario, ameaçou a mulher com o rebenque. Outra versão diz que elle tentara esganal-a. Quero crer que a veridica é a primeira, e que a segunda foi inventada para tirar á violencia de João da Fonseca o que pudesse haver deprimente e vulgar. Maria Rita não disse mais uma só palavra ao marido. A separação foi immediata; a mulher veiu com a tia para o Rio de Janeiro, depois de arranjados amigavelmente os interesses pecuniarios. De resto, a tia era rica.

João da Fonseca e Prazeres ficaram vivendo juntos uma vida de aventuras que não importa escrever aqui. Só uma cousa interessa directamente á minha narração. Tempos depois da separação do casal, João da Fonseca estava alistado entre os revolucionarios. A paixão politica, posto que forte, não o levaria a pegar em armas, senão fosse uma especie de desafio da parte de Prazeres; assim correu entre os amigos delle, mas ainda este ponto é obscuro. A versão é que ella, exasperada com o resultado de alguns combates, disse ao estancieiro que iria disfarçada em homem, vestir farda de soldado e bater-se pela revolução. Era capaz disto; o amante disse-lhe que era uma loucura, ella acabou propondo-lhe que, nesse caso, fosse elle bater-se em vez della; era uma grande prova de amor que lhe daria.

— Não te tenho dado tantas?

— Tem, sim; mas esta é a maior de todas, esta me fará captiva até a morte.

— Então agora ainda não é até a morte? perguntou elle rindo.

— Não.

Pode ser que as cousas se passassem assim. Prazeres era, com effeito, uma mulher caprichosa e imperiosa, e sabia prender um homem por laços de ferro. O federalista, de quem se separou para acompanhar João da Fonseca, depois de fazer tudo para rehavel-a, passou á campanha oriental, onde dizem que vive pobremente, encanecido e envelhecido vinte annos, sem querer saber de mulheres nem de politica. João da Fonseca acabou cedendo; ella pediu para acompanhal-o, e até bater-se, se fosse preciso, elle negou-lh'o; a revolução triumpharia em breve, disse; vencidas as forças do governo, tornaria á estancia, onde ella o esperaria.

— Na estancia, não, respondeu Prazeres; espere-te em Porto Alegre.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa)

Jesuitas

Foi fundador da ordem dos Jesuitas Ignacio de Loyola, nascido em 1491, no castello de Loyola (Guipuzcoa, Hespanha.

Ferido no cerco de Pampeluna, que elle defendia contra os francezes, consagrou-se a Deus logo apos essa ferida e a 15 de Agosto de 1534 reuniu em Paris alguns amigos entre os quaes Francisco Xavier e Rodriguez que são as premicias da *Companhia de Jesus*, approvada em Roma pelo papa Paulo III, a 10 de Setembro de 1540.

Regra: aos tres votos typicos accrescenta-se um quarto pelo qual o religioso se compromette a prestar obediencia inteira e immediata ao papa para a propagação da fé e a defeza da Egreja. O voto de obediencia aos superiores é rigoroso: o jesuita deve ser em suas mãos como uma machina, um cadaver — *perinde ac cadaver*.

O Geral é acompanhado de um monitor e de 4 assistentes que formam seu *Conselho*. Cada provincial tem um *socius* que o aconselha. Pode-se ser noviço aos 14 annos.

Estatistica: no fim do seculo XVIII, a Ordem contava trinta e nove provincias, 22 500 membros 600 collegios, 333 residencias, 80 universidades.

Ha jesuitas actualmente em toda a parte: na Italia, na Allemanha, nos Estados-Unidos, na China, nas Indias, na Africa, na Turquia. Em França, antes dos decretos de 29 de Março, havia 77 casas e 1.900 religiosos. Contando os missionarios, ha 2.414 jesuitas francezes.

Os superiores actuaes são: Luduvico Martino, preposto geral em Roma. Francisco Ploegman, procurador geral em Roma.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia, Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangue.*

Cravos Pretos do Rosto

(COMÉDONES)

EAU PASTOR

DEMODEX
Visto com o microscopio

Efficacissima e de todo inoffensivafaz, desapparecer os CRAVOS PRETOS DO ROSTO, que se manifestam nas azas do nariz, na testa, nas faces e são occasionados pelos DEMODEX, esses parasitas são contagiosos: mancham, salpicam e furam a tez.

NOTA.—A grande acceitação da EAU PASTOR hoje universalmente empregada, fez com que apparecessem alguns ruins productos similares, sem efficacia alguma e que convém evitar com o maior cuidado.

Deposito: PHARMACIE DE LA TOUR
66, RUE DE LA POMPE, *PARIS*

Encontra-se na mesma pharmacia:

Vinaigre Pastor O melhor vinagre para toucador, unico que purifica e torna alva a cutis sem causar irritação.

Savon Pastor de extracto de farello concentrado Este sabão é superior a todos os sabões de Perfumarias pela maciez que da a pelle.

CHRONIQUETA

22 de Janeiro de 1898.

Na nossa boa terra passam-se coisas graves; ha odios adormecidos, ambições refreadas, idéas opprimidas e um vago receio, muito generalisado, de que mais tarde ou mais cedo nos sobrevenha, a nós que nada temos que ver com os partidos, uma tremenda explosão de coleras alheias; entretanto, todas as attenções estão n'este momento voltadas para a França, a França gloriosa de 89, que apresenta ao mundo boquiaberto o ignobil espectaculo da perseguição religiosa. Francamente, não valia a pena terem tomado a Bastilha!

A questão Dreyfus, atiçada por Emilio Zola quando todos a suppunham aniquilada pela habilidade do governo, é o pretexto para esse grito infame e absurdo: Morte aos judeus!

E Zola, que nesta emergencia torna ainda mais illustre o seu nome, já immortalisado por uma duzia de livros immortaes, é envolvido tambem nessa perseguição; grita-se: «Morra Zola!», como se se tratasse de um homem cujo desapparecimento não seria uma desgraça para a França.

Que mocidade pariziense é então essa, que não se deixou convencer pela carta do autor do *Assommoir*, que a *Noticia* ha dias transcreveu no proprio original? Esse documento não pode ser mais sincero, nem mais eloquente, nem mais persuasivo. Aquella prosa monumental reçuma um violento desejo de justiça e nada mais. Zola teve o movimento que teriam, no mesmo caso, dous compatriotas seus que se chamaram Voltaire e Victor Hugo.

Se Dreyfus não é um traidor nem um vendido, se soffre injustamente o mais terrivel dos castigos, se é uma victima, se é um martyr, não ha consideração que se opponha a que cesse tamanha iniquidade. O que o mundo inteiro reclama é que se faça a luz sobre este assumpto penoso, e não sejam julgados em segredo de justiça — ou de injustiça — factos que entendem com a liberdade e a honra de uma creatura humana. O *huis-clos* é uma abominação com que ninguem se conforma.

*

Além dos assumptos politicos, actualmente vedados á apreciação dos chronistas, nenhum outro se me offerece digno de figurar na *Estação*. Os proprios incendios cessaram, apezar de não ter passado ainda a epoca das liquidações commerciaes. O que tem havido são suicidios, assaltos nocturnos e assassinatos.

A vida fluminense continua monotona, e mesmo em Petropolis não me parece que abundem os divertimentos. De Friburgo nem se fala.

Entretanto vamos ter companhia lyrica!..

— Com o cambio abaixo de 7 e o thermometro acima de 30? perguntará, pasmada, a formosissima leitora.

— Sim, senhora, uma companhia temporan, que vem... de Ribeirão Preto...

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

23 de Janeiro de 1898.

Depois do *Bastardo*, a companhia dramatica do Sant'Anna offereceu ao publico um prato muito indigesto: o *Caminho do crime*, dramalhão de Joseph Bouchardy, um escriptor que ha muito tempo deixou de ter cotação no theatro.

Entretanto, o papel do protogonista foi bem desempenhado pelo actor Soares de Medeiros, e os demais papeis não foram sacrificados.

O publico — apezar de ser indigesto o prato — applaudiu-o como deveria applaudir um delicado acepipe.

*

No Lucinda estreiou-se uma companhia de «maravilhas excentricas», em que ha de tudo: comedias, cançonetas, bailados, peloticas, projecções de cinematographo, etc.

Dizem-me que os rapazes passam ali uma noite divertida, mas que não se trata de um espectaculo que se possa confiadamente recommendar ás senhoras.

*

Um grupo de artistas desempregados reabriu o Variedades com a reprezentação de um drama que, pelo titulo, os *Direitos do homem*, quero crer que seja a *Tomada da Bastilha*.

Essa mudança de titulos é uma das manias dos nossos emprezarios, mas o publico, esse já não se deixa colher nessas ratoeiras armadas á sua ingenuidade e á sua boa fé.

Não sei por que estranho criterio se deixa levar o grupo do Variedades — do qual fazem parte alguns artistas estimaveis — pretendendo impingir gato por lebre.

*

O Recreio está aprompitando para a noite de 1º de Fevereiro a revista de 1897, o *Jagunço*, escripta pelo nosso collega Arthur Azevedo.

Antes disso, porém, farão uma ligeira *réprise* da *Nuniche*.

*

Annuncia-se no Apollo a estreia de uma companhia lyrica vinda da roça.

Quem sabe se agradará? Lá diz o ditado que de onde não se espera d'ahi é que vem.

*

E nada mais se contém nas minhas notas da ultima quinzena.

ELOY, O HERÓE.

A insurreição cretense

A leitora, christã como é, ha de naturalmente querer que lhe digamos alguma coisa sobre essa questão cretense que ainda não está resolvida, que custou a vida a tantos milhares de christãos e que talvez ainda venha abalar a paz europea?

Damos a palavra a competente no assumpto:

Ha um meio seculo, Creta mantem-se em estado de insurreição permanente. Como dizia um diplomata: é um barril de polvora constantemente collocado sob a acção de fagulhas

Mais uma vez deu-se a explosão: a intervenção da Europa póde limitar o incendio. Terá ella prevenido a volta e veremos emfim esse desgraçado paiz tornar a encontrar na paz a prosperidade e a riqueza que seu solo fertil, seu admiravel clima parecem garantir-lhe?

Creta situada na embocadura do Archipelago estende de Este a Oeste n'uma extensão de 240 kilom. suas praias accidentadas dominadas pelos cimos ennevoados do monte Ida que tem 2.300 metros de altura.

Outr'ora, no dizer dos historiadores da antiguidade, Creta nutria tres milhões de homens.

Avalia-se sua população actual em 300.000 habitantes, dos quaes apenas uma decima parte vive nas cidades, e o resto reside nas inaccessiveis chapadas do interior.

Historia. — Grega por sua posição geographica, pela sua população que ainda falla o dialecto dorico, Creta partilhou da sorte da mãe-patria e foi submettida aos Romanos. Ligada de novo ao imperio do Oriente, a ilha foi invadida no VII seculo pelo Serracenos. Depois da quarta cruzada cahio nas mãos dos Venezianos. No mez de Junho de 1645, uma frota turca, de mais de 400 navios e trazendo um exercito de 50.000 homens, veio attacar a Canea de que se apoderou, depois de um bombardeio de 57 dias.

Um anno mais tarde os turcos estavam senhores de Rheytmo. Em 1645 apoderaram-se de Suda e começaram a investida de Candia.

O sitio de Candia. — A Republica de Veneza fez então um appello á França; esta mandou para Creta um destacamento de voluntarios sob o commando do duque de la Feuillade que encontrou a morte em uma sortida temeraria. Em 1668, o cerco já contava vinte annos e o heroico Morosine mantinha-se sempre firme. A um novo appello dos Venezianos, Luiz XIV resolveu enviar a Creta um exercito de 6.000 homens sob as ordens dos duques de Beaufort e de Nawailles. Era desgraçadamente muito tarde: quando os navios francezes appareceram diante de Candia, a cidade, balda de recursos, chegava ao final da resistencia.

A capitulação foi assignada a 6 de Setembro de 1668

Nesse cerco de 23 annos 30.000 cretenses e 110.000 turcos tinham encontrado a morte. Restavam apenas 4.000 habitantes e Morosini apenas dispunha de 3.000 combatentes, quasi todos feridos. Tinham repellido 69 assaltos, effectuado 80 sortidas, experimentado 1.364 explosões de minas. A cidade não passava de um montão de ruinas.

O dominio turco. — Desde essa época, a ilha ficou sob o dominio turco, mas tem sempre testemunhado por constantes revoltas o amor indomavel da liberdade. A insurreição de 1821 quasi foi victoriosa. Os Egypcios vieram submetter a ilha; para reconhecer esse serviço, o Sultão lh'a cedeu. Foi de novo restituida a Turquia pela Europa em 1840.

De 1866 a 1869, Creta está ainda em plena revolta, mas a Europa consagra de novo os direitos da Turquia sobre a ilha infortunada, com o pretexto do compromisso tomado pela Porta de dar aos Cretenses melhor administração.

Em 1878, depois em 1885 e em 1889, os Cretenses revoltaram-se ainda.

No começo de Fevereiro de 1897, deram-se numerosos conflictos ás portas de Canea; aldeias inteiras foram destruidas pelo fogo.

Foi em vão que Berovitch Pachá, governador da ilha, acompanhado dos consules inglezes, grego, italiano e austriaco quiz fazer uma tentativa de mediação; teve de voltar a Canea, sem conseguir cousa alguma

No dia seguinte, estava-se a 5 de Fevereiro, a luta começou nas ruas de Canea.

Incendio de Canea. — Aos horrores da fusilaria veio juntar-se o incendio. Os quarteirões da cidade habitados pelos christãos foram entregues ás chammas, e a população aterrada, perseguida pelos musulmanos, teve de refugiar-se a bordo dos navios de guerra extrangeiros. Os proprios consules não estavam em segurança e tiveram, por sua vez, de embarcar.

Durante dois dias o incendio continuou sua obra de destruição; as casas que o fogo respeitava foram assaltadas e saqueadas; Canea não passava de um montão de ruinas.

A emoção causada por essas noticias foi consideravel. De todos os pontos da ilha os montanhezes corriam em soccorro de seus irmãos e os mulsumanos refugiavam-se na cidade, sob a protecção dos canhões dos fortes turcos.

Intervenção da Grecia. — O Comité central cretense fasia um appello a Grecia que parecia querer intervir. Os couraçados hellenicos *Hydra* e *Mykali* o cruzador *Miaoulis* recebiam ordem de se dirigir a Creta.

Uma flotilha de torpedeiras sob o commando do principe Jorge, filho segundo do rei da Grecia, deixava o Pireu, tendo por missão impedir qualquer desembarque de tropas ottomanas em Creta.

A occupação europea. — A 15 de Fevereiro, os navios francezes, russos, inglezes, austriacos etc., que se achavam no porto de Canea, faziam desembarcar destacamentos de marinheiros armados.

Os pavilhões das potencias arvorados nas fortificações da cidade indicavam a os insurrectos a posse de Canea pelas forças da Europa.

O coronel Vassos. — Entretanto um corpo expedicionario hellenico, composto de 3000 homens mais ou menos, conseguiu saltar na bahia de Kolymbair, na costa sul da ilha, e o coronel Vassos que o commandava, notificava por uma proclamação, datada do convento de Gouia, a população cretense, a occupação militar em nome do rei da Grecia.

Desde então redobrou a lucta entre musulmanos e christãos. O coronel Vassos attaca os turcos em Platania, faz saltar com dynamite o pequeno forte de Vonkoulis, bloqueia 2000 musulmanos e 250 soldados turcos em Kandano e leva suas vanguardas até as pontes de Canea.

O bombardeio do Cany grego. — Mas, no momento em que os insurrectos apertavam vivamente as tropas turcas em Keratidi, os couraçados europeus romperam fogo sobre o campo dos cretenses e forçaram estes á retirada. Dos navios extrangeiros foi o *Kaiserin Augusta* o unico que atirou obuzes explosivos. Os navios francezes não tomaram parte na acção.

Em Athenas foi grande a emoção, porque la se contava com a neutralidade das potencias.

O ultimatum das potencias. — Essa emoção chegou a o peroxismo quando o *ultimatum* de 2 de Março veio marcar ao governo hellamico o prazo de 6 dias, sem prorogação para retirar da ilha suas tropas e das aguas de Creta seus navios, notificando ao mesmo tempo que a Europa não podia tolerar a annexação da ilha á Grecia e estava prompta a dar-lhe autonomia completa sob a suzerania da Turquia.

O *ultimatum* foi repellido: a Grecia estava decidida a ir até o fim e as hostilidades continuaram.

Ficou então decidido o bloqueio da ilha pelas potencias. Começou a 21 de Março Salvo a captura do *steamer* grego *Hora*, tendo a seu bordo o vice-presidente da camara hellenica, e a destruição pelo cruzador austriaco *Selenico* de um veleiro grego, não se deu nenhum outro incidente digno de nota, mas deu em resultado suspender inteiramente as remessas de armas e de reforços aos insurrectos. Esses comtudo não se deixaram abater e foi em vão que os almirantes enviaram a o interior da ilha delegados para notificar-lhes as vontades das potencias.

Novos reforços acabavam de chegar a o corpo de occupação, e operações serias pareciam imminentes, quando a declaração de guerra entre a Grecia e a Turquia veio mudar o rumo ás coisas.

Durante as campanhas do Epiro e de Thessalia, os insurrectos cretenses contentaram-se com occupar as posições que haviam conquistado, sem tentar mais.

A chamada do coronel Vassos — A 19 de Maio o governo hellenico se dicidiu emfim a ceder aos constantes pedidos da Europa; consentiu em chamar de Creta as tropas do coronel Vassos e em reconhecer a autonomia da ilha sob a suzerania do sultão.

A 12 o bloqueio da ilha estava virtualmente levantada e o embarque dos soldados hellenicos começava nos diversos pontos.

Proverbios

Pequena cosinha, para que muito fogo?

O fim corôa a obra.

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Por um perdido, dois acbados.

Prosperidade é irmã de adversidade.

Por um sabio encontram-se cem tolos.

Quem bem julga, bem escolhe.

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

Convém pedir o mais para ter o menos.

Não se póde comer manteiga sem melar os dedos.

Abyssus abyssum invocat.

O abysmo invoca o abysmo.

AS NOSSAS GRAVURAS

Floresta de faias, mergulhada em neve

(QUADRO DE ADOLPHO THAMM)

Quando no verão o sol cahe quente sobre os telhados, quando nas ruas ha muito pó e calor e que os homens e os animaes ahi morrem quasi de calor, o habitante das cidades se refugia de bom grado na floresta sombria afim de ahi gozar da frescura e tomar alento. Logo, porém, que o verão tende a acabar e que o outomno vem com os seus dias mais curtos e que um rude vento de noroeste desfolha as arvores, a floresta se torna menos frequentada. As aves de arribação de ha muito já abandonaram as mesmas, refugiando-se em paizes mais quentes, e só se vêem ahi alguns passeiantes isolados e estes, em regra geral, são os que sabem apreciar devidamente a poesia do outomno. Atravessam calados a floresta, apreciando o colorido diverso das folhagens, respirando o aromatico ar e olhando para os animaes que com afan ainda cuidam de fazer os seus supprimentos para o inverno. Logo, porém, que apparecem os primeiros flocos de

neve, os passeantes se affastam de todo. Sem cessar e sem ruido, estes flocos cahem e envolvem as arvores e os arbustos em um manto branco. Elles cahem sobre a relva e o musgo e quando acabam de cobrir as ultimas folhas das arvores que havia pouco ainda se moviam de um lado para outro impellidas pelo vento, o silencio na floresta se torna absoluto.

Quão poucos conhecem a floresta no inverno, e no entretanto, como ella sóe ser bella então!

Si quizerdes vos ver livres dos cuidados da vida quotidiana, si quizerdes alliviar a vossa alma, ide para a floresta no inverno, pois ahi encontrareis a paz de espirito e da alma que vos é dada pelo silencio que ahi reina; o vosso coração ahi palpitará descansadamente quando respirardes a paz que ahi se abre ante vós. Uma ligeira luz crepuscular jaz entre o arvoredo e o sol está rubro no alto. O riacho que no verão corria ligeiro, jaz então preso em grilhões de neve e não ouvis o seu doce murminio.

Tudo está em silencio e só a neve range sob vossos pés. Si na vossa peregrinação, chegardes a casa de um guarda da floresta, podeis bater á porta deste com a maxima franqueza; ahi sereis bem recebidos, pois o guarda só poucas vezes vê alguem e vos recebe com agrado porque reconhece que amais a floresta como elle.

O guarda não sente o tedio, pois os passaros e os outros animaes que ainda permanecem na floresta se familiarisam com elle, vindo os primeiros comer as migalhas de pão que se acham sobre a sua mesa e os outros passam sem receio pela sua porta. Elle a todos conhece, pois são os seus protegidos. Quando o anoitecer, afinal, vos obriga a procurar a vossa casa, estendereis a mão ao guarda e lhe direis: «até breve» porque reconhecestes que a floresta é sempre bella em todas as estações do anno.

O que é curioso, porém, é que em qualquer estação do anno que visitardes a floresta, no verão, no inverno, na primavera ou no outomno, ella sempre vos parecerá mais encantadora na estação em que a visitardes e em que vos achardes.

Ao som da Musica de cignos

(Quadro de F. Paczka)

Elles se acham no «Hotel das quatro estações» e faziam honra ao nobre succo da uva. «Bebei, camaradas,» lhes dizia o pintor Volkhard, sabeis que eu hoje posso pagar. Quando eu um dia estiver na quebradeira—mas não quero pensar n'isto no dia de hoje.

Volkhard regressára ao hotel pela manhã, um tanto agitado. Elle ahi costumava jantar em companhia de quatro amigos. «Vêde o que aqui trago» exclamou mostrando aos seus amigos uma carteira cheia de notas de banco, e tirando do bolso ainda um rolo de moedas de ouro que fez retinir alegremente. «Ha bella musica, não acham? Sabeis o que significa isto?

«Vendeu-se o vosso quadro» exclamaram todos como si fallassem por uma só bocca.

«Como sois perspicazes!» disse Volkhard, e todos se acharam! Encontrei um americano rico, este viu o quadro e — pagou-o! Imaginem, elle nem siquer regateou!»

«Felizardo!»

«Não acham?! E agora os convido para tomarem um copo de vinho commigo á noite e então beberemos a saude do americano!

E realisaram isto conjugalmente, como o prova exhuberantemente o grande numero de garrafas vasias que se acham sobre a mesa. Volkhard estava muito alegre e narrava aos amigos o como elle fora quasi grosseiro para com o americano, quando este se collocára diante do seu quadro e lhe perguntara o que este representava.

Todos se riam e o Dr. Petersen, o redactor do Jornal, era de opinião que o homem estava na altura da epocha, porque no presente era costume perguntar-se primeiro o que um quadro representava e que o melhor seria si se perguntasse a um entendido si o quadro era ou não bello.

«Com o meu futuro quadro isto não mais me acontecerá. Este será grandioso, já tenho a idéa d'elle na mente. Amanhã encetarei o meu trabalho, porque devemos aproveitar a inspiração» disse então Volkhard.

«O poder da musica» disse o banqueiro Heller com o seu sorriso, emquanto espiava o amigo como elle estava quando fazia retinir o ouro.

«Oh, homem prosaico, murmurou o professor Werner, como podeis pensar que o nosso amigo e levado a trabalhar por causa do vil dinheiro; observai o seu ultimo quadro e dizei-me si elle não conduz o observador a um mundo superior do ideal, onde não ha cuidados, inveja, odio e desespero.»

«Tenha a bondade de acabar com isto» interrompeu o assessor Martim, tal cousa não existe! Eu tambem gosto de ver um bom quadro, gosto de ouvir boa musica, mas isto de me deixar irate até o extase, nunca!»

«Espere, caro amigo, espere,» redicou o professor.

«Aquelle que é capaz de ser animado, mais dia menos dia é levado nas azas da inspiração. Isto vos acontecerá tambem algum dia, pois nem por ser sois o homem sobrio que suppondes ser.»

A conversação foi interrompida pelo estalajadeiro que communicou ao Dr. Petersen que havia uma hora chegara a cidade uma banda de musica de ciganos e que o mestre da mesma perguntara pelo redactor do Jornal para o qual trazia cartas de recommendação.

«Posso receber-a aqui, mandai-a entrar» ponderou o Dr. Petersen e saiu para ir procurar o mestre ou regente da banda. Ao regresso, trouxe a noticia de que os homens se haviam offerecido para tocar algumas peças e de que em breve ahi estariam.

A nova foi recebida com grande jubilo.

Si já anteriormente elles não estivessem alegres, agora ainda ficariam mais animados. A principio os ouvintes acompanhavam a musica em voz baixa, mas quando tocaram uma mazurka, elles começaram a cantar mais alto, os copos se chocavam e os braços eram agitados. Com a *czarda* porém o assessor erguia-se repentinamente, estendeu os braços, inclinou a cabeça para traz e começou a dansar com um ardor, como si, desde a sua infancia elle tivesse vivido entre os ciganos dansando mazurcas e czardas.

Os outros mal podiam acreditar no que viam. Pois aquelle era o frio assessor, que havia uma hora apenas, declarara que nada o poderia arrastar.

Calados, conservaram-se sentados, observando o espectaculo unico na especie. Em seguida o Dr. Petersen murmurou ao ouvido do visinho: «Sou forçado a ir a redacção — os ultimos telegramas. Em seguida escreverei ainda as provas um folhetim para o proximo numero a respeito do poder da musica.» Os ciganos ficarão satisfeitos!

Volkhard não notou o desapparecimento do collega. Estava sentado, perdido em meditação e com o queixo apoiado sobre as mãos, observando o assessor. Talvez que, n'aquelle instante, elle encontrasse o motivo para um novo quadro.

Moldes Cortados

Costume n. 9 — Manga 53.0.

N. 8. Saia 1500.

Pelo correio mais 300 réis.

AS MÃES DE FAMILIAS

PILULAS DE NECTANDRA AMARA

RECURSO AO ALCANCE DE TODOS OS DOENTES DO ESTOMAGO E INTESTINOS

São bastante as seguintes importantes communicações do Ex. presidente da Camara Municipal de S. João Marcos, Estado do Rio de Janeiro; do Rvm. vigario de S. José do Piçú, Estado de Minas, da Exma. fazendeira de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo e do conceituado negociante de Alcobaça, Estado da Bahia, para bem avaliar-se dos grandes beneficios, que ja têm prestado e estão destinadas a prestar aos doentes, habitantes fora desta Capital, as **Pilulas de Nectandra Amara** remedio Paulista, que forão propositalmente formuladas com todas as precauções scientificas para se conservarem sempre perfeitas e em caixas fortes para irem pelo **correio** acudir os doentes, onde quer que estejão e queirão usal-as.

S. João Marcos, 13 de Julho de 1897 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda—Têm sido na verdade tão satisfactorios os resultados obtidos pelo uso das pilulas de Nectandra Amara em nossa casa e na de alguns amigos a quem communiquei-os que, na qualidade de presidente da Camara Municipal, a qual tem a seu cargo a manutenção de uma casa de caridade aqui, pedi ao digno facultativo da mesma que as applicasse naquelle caso em que possão elas aproveitar. Sou com estima, attento, venerador e criado — *José Paulo Ribeiro da Almeida.*

S. José do Piçú, 12 de Fevereiro de 1897 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Rio de Janeiro — Amigo e senhor — Com a devida prestezа peço-lhe o especial obsequio de enviar-me 12 caixas de pilulas de Nectandra Amara. Mando 24$000. Reconhecidos por demais são os effeitos do precioso medicamento Nectandra. São dignos de todos os encomios os que tanto cooperarão para o descobrimento de tão precioso antidoto. Subscreve-me, com muita consideração e estima, de V. S. amigo, obrigado e servo — *Padre Antonio Tavares da Silva.*

Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda. Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo, 4 de Abril de 1897. — Faço esta para pedir-lhe ter a bondade de arranjar doze caixas de pilulas de Nectandra Amara e mandal-as entregar em casa dos meus correspondentes os Srs. Cerqueira Souza & C., de quem receberei o importe das mesmas. Tenho empregado as pilulas de Nectandra Amara e sempre com feliz resultado, e com razão podes mesmo chamal-as remedio santo; tenho tambem vontade de experimentar o seu elixir e vinho da mesma preparação e assim que puder mandarei-vos. Tenho recommendado a todas as pessoas que não deixem de ter em casa tão precioso remedio e dado a algumas a direcção da sua casa para poderem pedir. Termino, com alta consideração de V. S., admiradora e criada. — *Maria Magdalena de Paula Penedo.*

Alcobaça, Estado da Bahia, 2 de Abril de 1897. Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Remetto dentro desta 25$000 para V. S. ter a bondade de remetter-me uma caixa com pilulas de Nectandra Amara, pelo que ficarei muito agradecido; tanto de remetter-me, como pela grande descoberta das alamadas pilulas, que para mim e um dos melhores remedios que tenho applicado em minha familia, de que tenho tirado grande resultado. — Sou com toda estima e consideração, de V. S. amigo, criado e obrigado. — *Manoel Oliveira.*

Mostrão estas communicações a grande efficacia das pilulas de Nectandra Amara, remedio Paulista, para todas as enfermidades do estomago e dos intestinos e a facilidade de obtel-as em qualquer parte que sejão precisas, pois remettendo-se 25$000 para uma caixa, 12$500 para seis, e 24$000 para 12 caixas, no proprietario, indicando-se-lhe o lugar e o Estado a que pertence, ele remetto immediatamente registradas pelo correio as caixas pedidas. Direcção para os pedidos: — *Joaquim Bueno de Miranda* — Rua de S. Pedro n. 72, 1º andar, Rio de Janeiro.

N. B. — As **Pilulas de Nectandra Amara**, remedio Paulista, são formuladas com a mesma dosagem da **Nectandra Amara**, para irem com e prestem possivel pelo correio, para qualquer parte do mundo, supprir a falta e produzir os mesmos effeitos do **Vinho**, do **Elixir** e da **Tintura de Nectandra Amara**, remedio Paulista, que, por serem liquidos, não podem ser transportados por esta maio rapido e seguro.

Para o **enjôo do mar**, para **anemias**, para **fraquezas de pernas** e de **convalescentes** de molestias graves e longas, devem-se moer as **pilulas** e tomar a dissolvel-as em um pequeno calice de vinho, superior, do Porto. Para a dissolvel-as em liquido, que sua acção torna-se mais prompta; assim tambem podem tomar as pessoas e crianças que não tenhão facilidade de tomar pilulas seccas e neste caso podem dissolvel-as mesmo em agua pura, não tendo vinho. Os prospectos, que levão os francos, são em tres linguas: **portugueza, inglezа e franceza** para facilitar o seu uso, por nacionaes e estrangeiros.

ENJOO DE MAR

ADMIRAVEIS RESULTADOS

São constantes as communicações e attestados como os seguintes, que justificam a extraordinaria efficacia da **Nectandra Amara**, remedio Paulista, contra o terrivel **enjôo do mar** e todos os mais **enjôos** e enfermidades do **estomago** e dos **intestinos**. Em frequentes durante as viagens, tanto maritimas, como terrestres; assim conhecida a variada applicação, que tem este novo e prodigioso medicamento para tantos casos, tão commum na vida, nenhum viajante, que conheça-o, escusará sua viagem sem leval-o por prevenção ao menos, para o que possa succeder-lhe.

Em 7 do corrente um negociante de S. Paulo nos escreveu o seguinte: «O meu ex-socio W. a quem recommendei a **Nectandra** para enjôo de mar, conta-me que a sua irmã escreveu-lhe de Londres, maravilhada pelo resultado que obtive a bordo.»

Em 19 de Maio proximo passado o distinto medico Dr. Ernani Pinto sobre as applicações e observações, que fez a bordo do paquete *Olinda*, nos escreveu o seguinte: «*Casos de enjôo de mar*, tratados pela tintura de Nectandra Amara, 26, sendo que em 22 o resultado foi completo, observando nos quatro restantes grande melhora; *casos de perturbações gastro-intestinaes*, tratados pela mesma medicação, alli, sendo que destes se faz mister destacar o caso do Sr. senador federal A. A., atacado de violentissimas colicas intestinaes; o caso do Sr. F. C., passageiro de ré, embarcado em Pernambuco, com destino ao Pará, soffrendo de gastralgias intoleraveis que o importunavam já da ida mez antes do embarque, e o caso do Sr. F. R., passageiro de ré tambem, embarcado no Pará, com destino a Manáos e accommettido de colicas e vomitos incoercieis. Em todos esses casos bem como nos demais cinco restantes, o effeito obtido foi completo e rapido.

Ante estes resultados mais uma vez attesto que para *enjôo de mar* e para *as perturbações gastro-intestinaes* os preparados de Nectandra Amara são de um emprego facil e seguro.»

Em 9 de Outubro de 1895, o cirurgião do Corpo de Saude da Armada, Dr. Henrique Mangeon, nos escreveu o seguinte: «Attesto que em viagem em navios de guerra tenho tido occasião de empregar a tintura de Nectandra Amara do Antero Leivas contra diversos casos de enjôo, sempre com excellente resultado. O referido é verdade sob a fé do meu grão.

Capital Federal, 9 de Outubro de 1895. — Dr. *Henrique Mangeon.*»

Em 17 de de Agosto de 1895, o Sr. Laucaud nos escreveu o seguinte:

Rio de Janeiro, 17 Août 1896 — Monsieur J. B. de Miranda. Conformément à ma promesse, j'ai aujourd'hui le plaisir de vous remettre lurlus la lettre de Miss Richardson, la dame, dont je vous avais parlé et qui est si enchantée de l'efficacité de la Nectandra Amara contre le mal de mer, remède qu'elle a essayé, sur les instances de personnes connues et sans aucun espoir d'obtenir un bon résultat, car elle n'avait jamais été soulagée par aucun des remèdes employés contre cette maladie, dont elle souffrait tant chaque fois qu'elle mettait les pieds à bord d'un bateau.

J'ai l'honneur d'être votre serviteur dévoué, — *R. Amilcar Laucaud.*»

Lettre de Miss Richardson:

I have much pleasure in testifying to the merit of Nertandra Amara as a remedy for sea sickness. I used it recently on a voyage, and found it most efficacious. — *E. Richardson.*

Rio de Janeiro, 15th August 1895.

Em 15 de Outubro de 1895, o Exm. Dr. Paes Leme nos escreveu o seguinte:

«Rio, 15 de Outubro de 1895. — Amigo Bueno de Miranda — Ha longos annos sempre empreguei os seus preparados de Nectandra Amara em pessoas de minha familia, e com vantagem maior nesti delles para os colonos de nossa fazenda de serra abaixo, porque não sabia quanto é efficaz a tintura para o enjôo prevenindo dos movimentos bruscos a abalos que soffre o viajante em nos as estradas de ferro. Verifiquei a sua efficacia em um cavalheiro, que da estação da Serrania dirigia-se para Juiz de Fóra, o mais tarde, viajando para Baberá no Campo, tive occasião de observar os mesmos effeitos em pessoas de minha amizade. A Nectandra foi esta por demais recommendada, mas sinto o maior prazer em constatar factos que se passaram a minha vista e que concorrerão sem duvida para alivio de muitos. Sempre amigo — *Pedro G. Paes Leme.*»

N. B. — Os preparados de **Nectandra Amara**, remedio Paulista, trazem um prospecto em tres linguas — **portugueza, inglezа e franceza**, — para facilitar o seu uso por nacionaes e estrangeiros.

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias e ao **deposito** do fabricante á rua de S. Pedro n. 74, sobrado, Rio de Janeiro, Brazil.

Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).